

**Título Evento: Análise SWOT do Ensino Superior Português
Ambiente externo – ameaças e oportunidades**

Tipo de Evento e promotores (Conferência/Seminário/Jornadas/etc.): Sessão Plenária da CS11

Data: 10 de Abril de 2013

Local: Instalações do IPQ na Costa da Caparica

Participante(s) da AEP/NEP: Marta Pile e Isabel Ribeiro

A sessão plenária contou com a presença de um convidado, o Prof. Lourtie, que abordou o tema em análise

Objectivos: após reflexão fazer o levantamento das ameaças/ oportunidades externas a que estão sujeitas as IES públicas e privadas.

Notas importantes retiradas da apresentação do Prof. Lourtie:

Últimos anos (até 2002): assistiu-se a uma luta para enquadrar todos aqueles que queriam ingressar no ensino superior grande pressão nas IES que muitas vezes colocou em causa a qualidade da sua oferta.

OPORTUNIDADE: hoje temos um reconhecimento que não tínhamos há 20 anos (nacional e internacionalmente, não só ao nível da formação mas também ao nível da i&di) o que possibilita o estabelecimento de novas parcerias, antes impossíveis. Começam também a surgir empresas/oportunidades de negócios baseadas no trabalho desenvolvido no ES; o volume de emprego não é muito elevado mas há a expectativa que se desenvolva um tecido empresarial que não existia, e que pode dar origem a novos métodos, novos produtos, novas formas de trabalhar. (Transferência de saber das IES para tecido empresarial)

AMEAÇAS:

Ao longo do tempo, e em particular na década de 80, assistiu-se a um investimento, quer público, quer privado, na formação de nível superior. Em termos numéricos, o crescimento do ES estabilizou no ano 2000, com alguns "balões de oxigénio" depois desta data, sendo exemplo disso a criação de CET, de condições especiais de acesso a maiores de 23 anos, entre outros. Um dos entraves ao crescimento está relacionado com o facto do ensino secundário não estar a formar pessoas em número suficiente e em condições para ingressar no ensino superior. (Número e qualificação /para ingresso no ES)

As restrições orçamentais – equação na qual o estado reduz o financiamento e as propinas estão limitadas - tornam difícil o normal funcionamento das IES e a garantia da qualidade. Os contratos não são uma solução uma vez que, naturalmente, exigem contrapartidas por parte das IES.

No ensino público, a solução de restringir a despesa para restringir o OE levará a uma baixa da atividade; no ensino privado, mais caro, estamos a assistir a uma fuga de clientes.

Discursos negativistas sobre o pessoal qualificado que está desempregado ou com empregos para os quais são demasiado qualificados leva a uma desilusão com a formação superior e o acesso ao mercado de emprego qualificado e, conseqüentemente, a uma menor procura deste nível de ensino.

O excesso de burocracia no ensino superior é uma ameaça para o ensino público: temos, por um lado, as IES privadas sem estudantes que conseguem ter alguma "agilidade" e um ES público com regras de tal modo restritivas que impedem iniciativas dinâmicas de acompanhamento das mudanças da sociedade. Como exemplo pode ser citada a implantação de algumas IES privadas nos PLOP (Angola prevê um crescimento de 150000 para 240000 ativos a formar nos próximos anos) e a "agilidade" dos IE privadas nas condições de oferta de formações diferentes, mais ligadas ao mercado de trabalho, de actualização de competências/formação contínua) quando comparados com o ensino publico: esta burocracia imposta às IES públicas pode ser uma OPORTUNIDADE para as IES privadas.

Indefinição do papel do ES privado e público: nunca foi clarificado o papel de cada um dos subsistemas de ensino e talvez fosse útil definir o que se pretende de cada um deles.

Demografia: Se por um lado o envelhecimento e baixa natalidade da população (no ano 2075 prevê-se que a população portuguesa seja de cerca de 7 Milhões de habitantes) contribuem para um menor número de estudantes no ES, por outro, assiste-se a um envelhecimento dos quadros do ES o que constitui uma ameaça à renovação – toda uma geração desaparece correndo o risco de não ter existido uma "geração intermédia" a quem fosse passado o testemunho.

No entanto, as atuais medidas governamentais têm atuado como pequenas janelas de oportunidade à renovação pois muitos quadros estão a reformar-se um pouco antes do que seria expectável, deixando que nalguns casos a transição se vá fazendo de uma forma sustentável.

PLOP: países como Angola, Moçambique, Brasil, e também Cabo-Verde, São Tomé, Timor (ver Plano Nacional de Quadros de Angola) constituem uma oportunidade se o ES tiver uma política consistente com estes países. Há necessidade de cooperação entre instituições para passar a "integrar" estes mercados, regulando de alguma forma essa expansão.

BOLONHA OPORTUNIDADE OU AMEAÇA?

Oportunidade para olharmos para as IES com outro olhar. Olhar para as competências e não tanto o conhecimento que se queria transmitir aos alunos. Pensar o ES pelo lado das competências, articulação e usabilidade do conhecimento com situações praticas (capacidades de expressão, de trabalhar em equipa, liderança, ...).

Por outro lado a aproximação entre as formações de 1 ciclo de 3 anos, abriu as fronteiras. A possibilidade de perder alunos de 2 ciclo é uma realidade (ameaça) mas não deixa de ser uma oportunidade para os alunos irem para as IES melhores, para além de que formações mais semelhantes (em termos de níveis/estrutura) podem atrair alunos de fora do país.

Capacidade de atracção de outros alunos europeus?

Portugal tem o problema da língua inglesa (temos poucos cursos integralmente em língua inglesa) e uma falta de visibilidade nos rankings (ameaça)

Contudo, a Área da saúde é uma área forte, com reconhecimento internacional, e podemos organizar-nos para atrair estudantes estrangeiros para as escolas portuguesas (oportunidade).

